

O Doc ao cidadão

Nesta 10.^a edição, o DocLisboa reclama o direito ao protesto e mostra filmes que são instrumentos de cidadania, que trocam a cidade pelo campo ou reinventam o território. Começa a 18 de Outubro

Festival de documentário Vasco Câmara

Um certo filme mostrará "how to film a revolution" e como colocar o resultado online – um ABC de como filmar revoluções e atirar o resultado para a Net. E assim o cinema apressa-se a absorver. A próxima edição do DocLisboa vai legitimar isso, dedicando uma nova secção ao Cinema da Urgência: objectos frágeis, resultado de novos modos de produção e distribuição, que podem vir de Portugal, da Síria, de Espanha ou da Albânia, onde quer que alguém pegue numa câmara, e que acompanham o que está a acontecer no mundo.

Quando os *media* tradicionais parecem falhar na reacção à velocidade do real, o Doc reconhece nesses filmes "uma ligação à história do documentário" – e ao direito de cidadania e de protesto. Eis algumas narrativas da 10.^a edição do festival dirigido por Susana Sousa Dias, Ana Leonor Jordão, Cíntia Gil e Cinta Pelejá, nas linhas que se seguem. Contadas pelas próprias, dias antes da apresentação, ontem, na Culturgest, em Lisboa, do programa oficial (ver texto ao lado).

Elas, as directoras, dizem que assumiram "um património público e uma identidade" (Susana Sousa Dias: "também vimos dele", desse património). Por outro lado, dispuseram-se "a fazer algo de intuitivo, porque, sendo um colectivo com diferenças culturais e de percurso, era natural que as questões" que as preocupam viessem para o festival. Que, dizem, deve ser mais do que ir ver filmes e regressar a casa – "a questão do Cinema de Urgência passa por promover a reflexão sobre aquilo que está a acontecer."

Duas novidades

Não é a única secção nova. Haverá mais duas, e também aqui o Doc quer reagir e, simultaneamente, reflectir. Passagens dará conta do encontro entre as artes visuais e o documentário, esse movimento de artistas que fazem documentários e de cineastas que levam os filmes

para a galeria. O foco estará sobre Pedro Costa e Chantal Akerman, que apresentarão instalações (ela, quatro na *Carpe Diem* e uma no Palácio das Galveias; ele, uma em cada um destes locais). Decorrerá uma retrospectiva dedicada à realizadora de *Jeanne Dielman, 23, Quai du Commerce, 1080 Bruxelles* (1975), com um núcleo de 13 obras a serem exibidas na Culturgest – filmes que evidenciam ligações mais directas com documentário e memória, reflexão autobiográfica e auto-retrato – e as outras na Cinemateca. Mas, e porque falamos de movimento entre a sala de exposições e a sala de cinema, as instalações de Akerman serão também vistas em sala.

Ainda outra novidade: Verdes Anos, onde serão mostrados filmes que, "revelando potenciais realizadores, não têm ainda a maturação para estarem numa competição", explica Susana Sousa Dias, falando aqui de filmes produzidos por escolas ou com cineastas em formação.

Sobre a competição nacional de longas-metragens, nove títulos, as directoras vão muito naturalmente em direcção a uma narrativa que mostrará mundos perdidos, quer sejam a ruralidade – "a paisagem urbana foi substituída pela ruralidade", admitem – a velhice, a morte. Isso nos filmes de André Gil Mata, *Catifeiro*, Júlio Alves, *O Regresso*, ou Cláudia Alves, *Sobre Viver*. "A perda, a falta de referências actuais", filmes que habitam "o espaço entre o que será o futuro e o que foi o passado", o espaço de incerteza.

Já na Competição Internacional de Longas, as directoras apontam "a deslocação territorial" ou a reinvenção de uma memória territorial como recorrências, e dir-se-á que isso está no filme de abertura, 18 de Outubro, *A Última Vez que Vi Macau*, de João Pedro Rodrigues e João Rui Guerra da Mata – e está também de forma subterrânea no magnífico e espectacular *Three Sisters*, de Wang Bing, em que o cineasta continua a mostrar uma parte do seu país, a China rural, que a outra, a do boom, não quer ver.

A secção Riscos começou em



Three Sisters, de Wang Bing; A Última Vez que Vi Macau, de João Pedro Rodrigues e João Rui Guerra da Mata; e Sofia's Last Ambulance, de Ilian Meteov

2007, programada por Augusto M. Seabra, a quem foi pedido que abrisse um espaço para a relação entre o documentário e a ficção, "coisa que estava no ar na produção em geral" e que ainda continua – como diz o programador, basta ver os filmes de João Pedro Rodrigues/João Rui Guerra da Mata ou *Cesare Deve Morrir*, dos irmãos Taviani, a encerrar o Doc, a 28 de Outubro. "Mas esse âmbito das ficções do real alargou-se no sentido da questionação dos modos de olhar" e de "reflexão sobre os próprios materiais cinematográficos".

Seabra usa para a secção a expressão "derivas do real", em que um filme, por causa de um momento, passa a derivar para outra coisa, e dá como exemplar *Manhã de Santo António*, curta de João Pedro Rodrigues. Tópicos sobre estes Riscos: dedicados à memória de Chris Marker, Stephen Dwoskin (o último filme, *Age is...*) e Marcel Hanoun (Cello); à *found footage*; ou ainda a Apichatpong Weerasethakul, Ben Rivers, Thom Andersen (*Reconversão*, encomenda do Curtas de Vila do Conde, tal como *O Milagre de Santo António*, de Sergei Loznitsa, na Competição Internacional de Curtas).



Menos dinheiro mas o mesmo empenho e júris de luxo

Jorge Mourinha

O 10.º DocLisboa é “verdadeiramente um festival de resistência” – as palavras são de Susana Sousa Dias, uma das directoras, na apresentação na Culturgest, em Lisboa. Porque é um festival feito com um orçamento 20 por cento inferior a 2011, em condições muito duras. Mesmo que não pareça: não foi possível a grande retrospectiva que mostrou em anos anteriores Joris Ivens ou Jean Rouch, mas existem as três novas secções Cinema de Urgência, Passagens e Verdes Anos, e um extenso programa histórico comissariado por Federico Rossin dedicado ao politizado cinema colectivo entre 1960 e 1980, *United We Stand, Divided We Fall*.

Na Culturgest, Ana Jordão explicou que o festival investe grande parte dos apoios no convite a realizadores, críticos ou programadores. As presenças nos júris 2012 são por isso significativas do estatuto internacional do Doc: a iraniana Samira Makhmalbaf (*O Quadro Negro*) e o francês Jean-Pierre Rehm (director do FIDMarseille) estarão no júri da Competição Nacional, e o cambojano Rithy Panh (S. 21) encabeça a secção paralela Investigações. A Competição Internacional terá o romeno Andrei Ujica (*Autobiografia de Nicolae Ceausescu*) como presidente do júri, encarregado de escolher a melhor das 11 longas-metragens a concurso, entre as quais *Sofia's Last Ambulance*, do búlgaro Ilian Metev (vencedor da Semana da Crítica em Cannes), ou o novo filme de Sylvain George sobre as manifestações madrilenas, *The Burning Bright*. Cíntia Gil apontou o facto de muitas destas longas

serem assinadas por “viajantes” que rodam fora dos seus países ou por artistas plásticos e visuais ensaiando o cinema.

De um total de 68 filmes portugueses, a Competição Nacional contará com nove longas-metragens e oito curtas. Cinta Pelejã apontou que as primeiras obras a concurso foram todas realizadas em autoprodução, num ano em que não houve dinheiro do instituto do cinema, enquanto Augusto M. Seabra assinalou nada menos de cinco produções nacionais na secção de documentários musicais Heartbeat. Entre elas estão a abertura *Visões de Madredeus*, do prolífero Edgar Pêra, e *Genesis Cascais 75*, de João Dias, sobre o mítico concerto do grupo de Peter Gabriel e Phil Collins no Dramático de Cascais.

Portugal estará também no centro das três mesas-redondas a decorrer durante o Doc. As consequências de uma possível extinção da RTP2 e a definição possível de serviço público serão o tópico de uma; outra debruçar-se-á sobre os laboratórios de cinema, abordando a deriva para o digital e o abandono da película; uma terceira debaterá o cinema e a crise global financeira.

O DocLisboa decorre de 18 a 28 de Outubro nos auditórios da Culturgest e nas salas dos cinemas Londres e São Jorge e da Cinemateca Portuguesa. Este ano juntam-se-lhes as galerias Carpe Diem e Palácio Galveias (para as instalações da secção Passagens, com entrada gratuita) e o Lux Frágil (para a projecção do documentário sobre os LCD Soundsystem Shut Up and Play the Hits). A bilheteira estará aberta a partir de dia 4 de Outubro e a programação estará em breve no site www.doclisboa.org.



Em baixo, as directoras do festival: Cíntia Gil, Cinta Pelejã, Susana Sousa Dias e Ana Leonor Jordão